



DIRECTOR: AUGUSTO DE SANTA-RITA

# NÃO FAÇAS MAL

conto por MARIA AMÉLIA BÁRCIA

**E**L-REI D. Leão andava muito doente. Perdera a sua costumada arrogância, perdera o apetite e sentia-se sem forças para as grandes caçadas em que sempre fôra mestre. Podiam, agora, retoiçar descuidadamente na erva tenra as gazelas, os coelhos e toda aquela bicharia com que, noutros tempos, se regalara o ditador da floresta. O estômago de El-rei, já não suportava tão succulentos manjares.

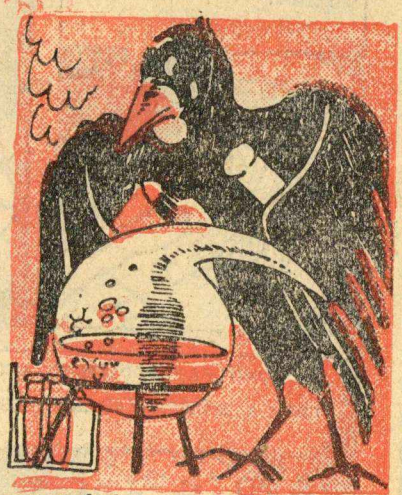
Debalde Mestre Corvo, físico da Casa Real, consultava cartapáculos e alfarrábios em busca de droga ou mizinha

que desse alívio aos males do seu amo. Debalde Dona Coruja, muito entendida em bruxedos e trampolinices, fazia os seus sortilégios e pedia auxílio a quantas feiticeiras conhecia. Nada curava aquela Majestade que, dia a dia, curvava mais a sua, outrora, tão aprumada figura.

Até que, um dia, sentindo-se pior do que nunca, El-rei chamou o tigre, seu conselheiro, e lhe disse:

— «Tenho esperado em vão que médicos e bruxos me curem. Vou tentar hoje um último recurso: Faça saber que todos os animais da floresta se devem apresentar em meus Paços, para darem o seu alvitre à-cêrca do tratamento que devo seguir. O que me curar, pode para sempre contar com a minha protecção. Mas, — acentua bem — aquele que faltar à chamada, será condenado à morte por traição ao seu Rei.»

Ainda meia hora não era passada, já um macaco, com seus guinchos e es-



gares, fazia saber à bicharada as ordens de El-rei.

Elefantes e jacarés, águias e andorinhas, lebres e ouriços, carochas e formigas, enfim toda a bicheza tratou, imediatamente, de se pôr a caminho para o Palácio Real!

E' claro que o Senhor Lôbo, velho amigo e companheiro de caçadas do Leão, foi dos primeiros a acorrer ao chamamento.

Caminhava ele muito apressado por um atalho, quando encontrou a Raposa, sua velha inimiga. Continuaram juntos durante algum tempo, até que o Lôbo perguntou:

— «Senhora Raposa, não vai ao palácio ver Sua Majestade?»

— «E' claro que vou, respondeu a outra; mas estamos chegados à porta de minha casa. Entro para procurar

(Continua na página 6)

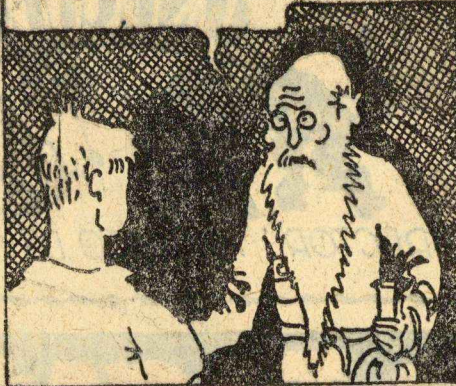


# MICROBIO-LÂNDIA

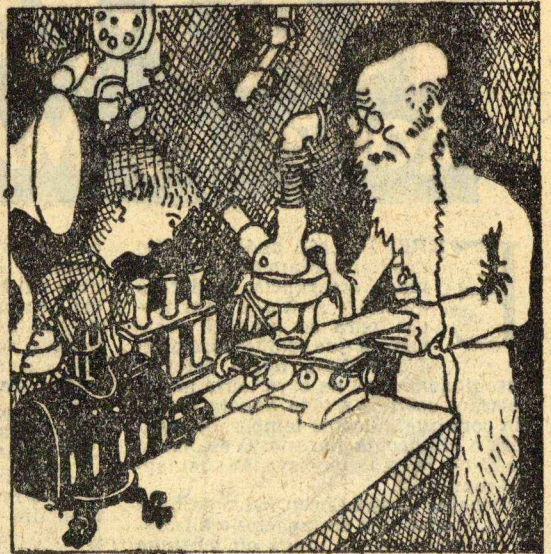
NO PAÍS DOS MICRÓBIOS  
POR SÉRGIO LUIZ

PODES, VIESTE MESMO NO MOMENTO PRECISO. TENHO TUDO PRONTO PARA COMEÇAR AS EXPERIÊNCIAS. VOU OBSERVAR A VIDA DAQUELE MICRÓBIO DE QUE TE FALEI HÁ DIAS.

AQUELE QUE FAZ COM QUE EU SEJA UMA CRIANÇA IRREQUIETA E CURIOSA?

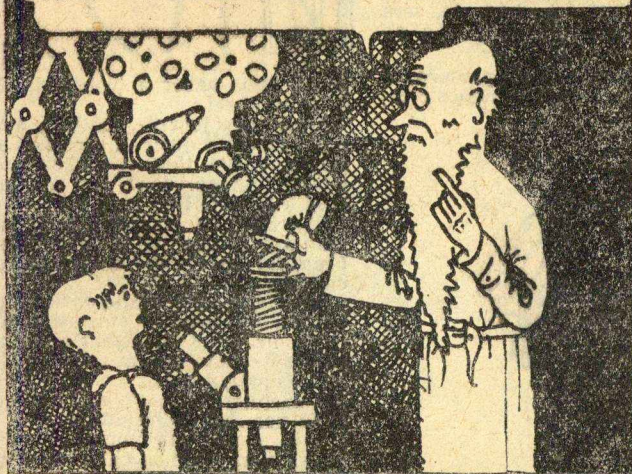


EXATAMENTE. AQUI ESTÁ UMA FOTOGRAFIA QUE LHE TIREI. NÃO ESTÁ MUITO NÍTIDA MAS HOJE VAMOS OBSERVÁ-LO MELHOR.



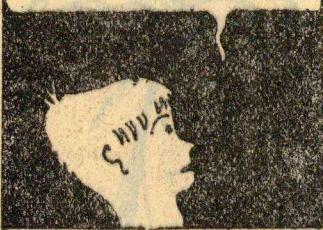
COMO NÃO PODEREMOS ESTAR SEMPRE A OBSERVÁ-LOS... AS MÁQUINAS SE ENCARREGARÃO DE OS FOTOGRAFAR.

ESTE AMPLIADOR AUMENTA EXTRAORDINARIAMENTE TODOS OS RUIDOS QUE SE PRODUZAM NA PLATINA.

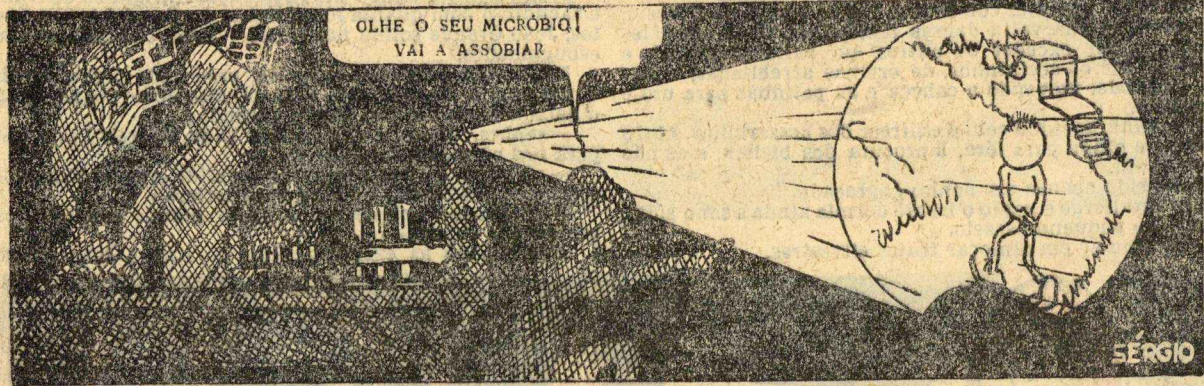
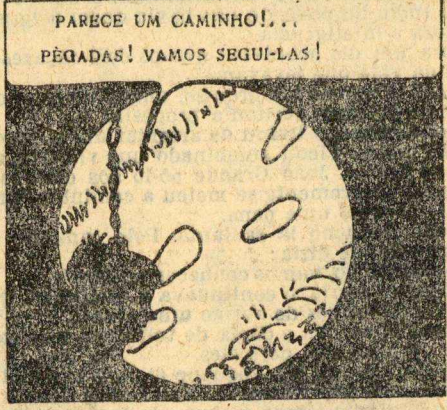
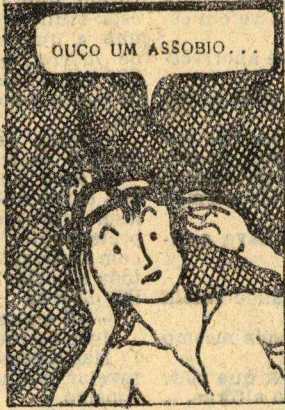
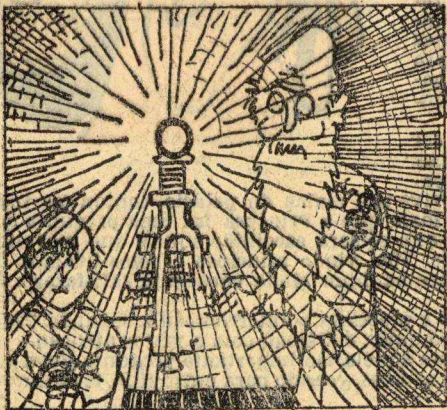
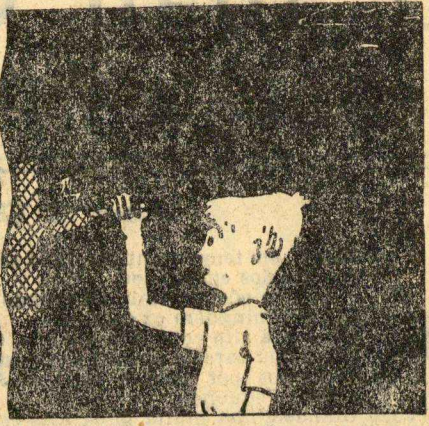


SÉRGIO

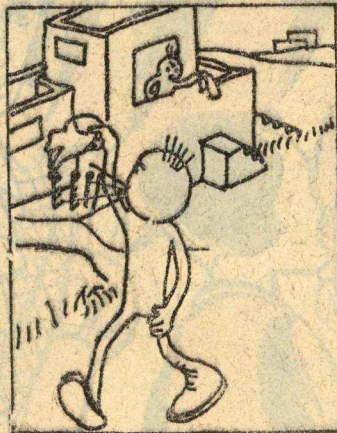
**MICROBIOLANDIA**  
ENTÃO, VAMOS FAZER UM  
FILME SONORO E TUDO...  
DEMORA MUITO



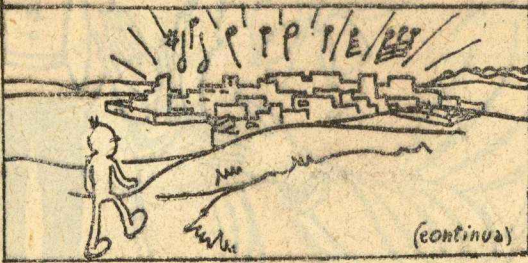
NÃO! PODES APAGAR A LUZ  
ESPERA! ESTE VIDRO TEM UM  
BURACO... MAS NÃO TEM IMPOR-  
TANCIA...  
APAGA A LUZ



SIGAMOS O MICRÓ-  
BIO E OBSERVEMOS  
A SUA VIDA COM O  
AUXILIO DOS APARE-  
LHOS DO AVÔ DO EN-  
DIABRADO TONECAS



FELIZ E DESPREOCUPADO ZEKO DIRIGE-SE PARA  
A SUA CIDADE, A CIDADE DO BARULHO...



(continua)

# O João Grande e o João Pequeno

Por TUJA



**V**IVERAM, em tempos antigos, já lá vão muitos anos, dois irmãos enfeitados.

Haviam pôsto a ambos o mesmo nome: «João». Contudo ninguém os confundia.

Um era alto como um gigante. O outro era tão baixo que parecia um anão. Por êsse motivo eram chamados por tôda a gente o João Grande e o João Pequeno.

O João Grande tinha muita fôrça mas era pouco inteligente. O irmão, pelo contrário, tinha sempre resposta pronta para tudo. No povoado não havia quem o igualasse em esportezza e inteligência.

Ora um dia aconteceu que os dois rapazes se aborreceram da vida que levavam.

João Pequeno lembrou-se, então, de irem os dois correr mundo. O irmão aceitou a proposta.

João Pequeno tratou de arranjar um alforge onde se pudesse meter. Ficou combinado que viajaria, assim, às costas do irmão. João Grande pô-lo aos ombros sem esforço algum e alegremente se meteu a caminho. Para êle o irmão era leve como uma pena.

João Pequeno ia radiante. Pelo caminho deitava a cabeça de fóra e dizia:

— «Eh, João, vamos conhecer mundo!»

O outro sorria, e continuava a caminhar. Quando veio a noite, serviu-lhes de abrigo uma árvore.

Era tão copada e cheia de folhagem que parecia mesmo feita de propósito para êles.

Deitaram-se. João Pequeno ajeitou-se o melhor que pôde no seu leito provisório. Enrolou-se nas dobras do alforge, e, passado algum tempo, adormeceu tranquilamente.

Pela noite adiante, começou a ver os bichos da floresta, executando à sua volta dansas fantásticas. Cada um dêles parecia querer exceder os outros em ballados difíceis e graciosos. Até os coelhinhos, de orelhas arrebitadas, andavam em roda, movendo a cabeça e as patinhas para um e outro lado.

De manhã, acordou com o chilrear dos passarinhos. Abriu os olhos e olhou para fóra, à procura dos bichos mas não viu nenhum.

Tinha sido apenas um sonho engraçado.

Saíu do alforge e, como o irmão dormia ainda a sono sóto, foi dar um pequeno passeio.

Contentou-se em almoçar frutos silvestres.

Quando voltou à árvore, reparou em duas pêgas que estavam poiçadas nos ramos. Palavra uma:

— «Sabes que a bela Princesa já se resolveu a casar? Dizem que o rei está muito velhinho e que, antes de morrer, quere ver quem lhe há-de suceder ao trono.»

— «Sim, já sei do que se trata.»

O meu compadre corvo que vive nas matas do palácio, contou-me tudo isso. Disse-me mais que a Princesa faz uma pergunta aos pretendentes e que só será escolhido aquele que responda com mais acêrto. Têm vindo príncipes e belos fidalgos de tôda a parte, mas nenhum ainda conseguiu satisfazer a filha do rei.»

— «E o que é a pergunta?» Interrompeu a segunda Pêga. João Pequeno ouvia o diálogo com a maior atenção.

Mas a resposta àquela tão importante pergunta ficou por revelar, porque as aves, voando para outro sítio, levaram-na consigo.

João Pequeno tomou uma resolução. Dirigiu-se ao irmão e sacudiu-o com quanta fôrça tinha. Ao fim dalguns minutos, João Grande soltou um ronco e abriu os grandes olhos esbugalhados.

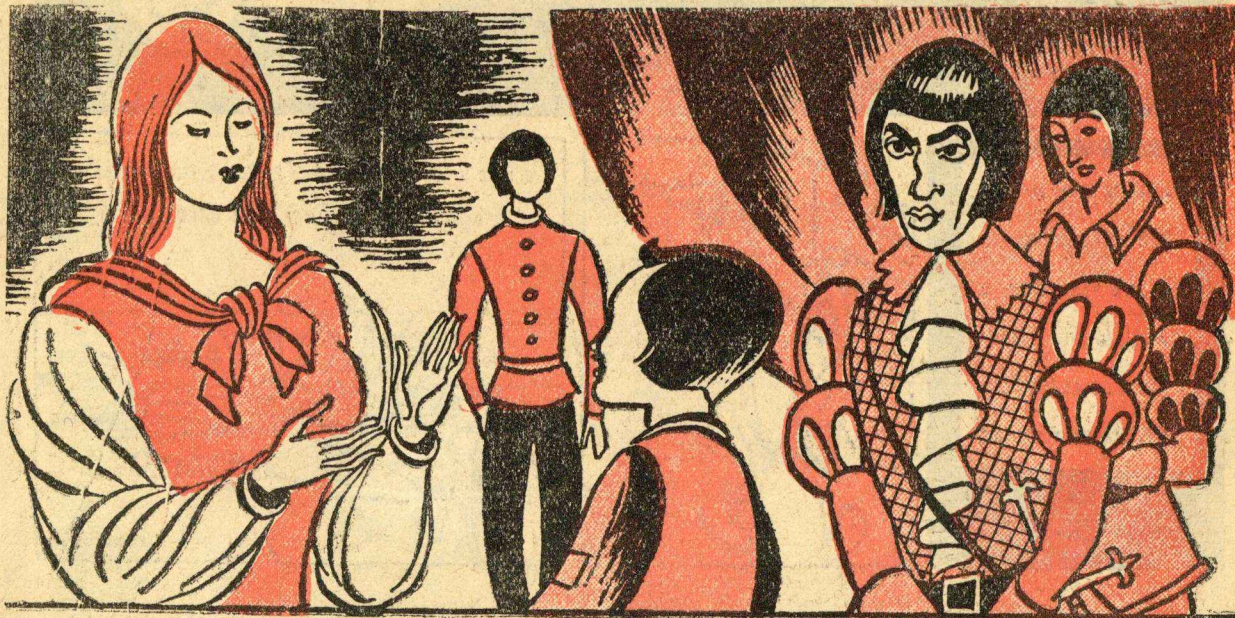
Fitava o irmão com surpresa, parecendo perguntar-lhe o que queria dizer aquele aranzel. Mas João Pequeno não o deixou pensar muito tempo, dizendo:

— «Sabes, quero casar com a filha do rei. Levanta-te para nos pôrmos a caminho.»

— «O quê? Tu, tão pequeno e humilde, queres casar com a princezinha? Estás maluco, com certeza.»

— «Deixa-te de coisas e apressa-te, porque estou ansioso por chegar à cidade.»

Acostumado às extravagâncias do irmão, João Grande



# IR BUSCAR LÃ... E FICAR TOSQUIADO

Por VENUTRA



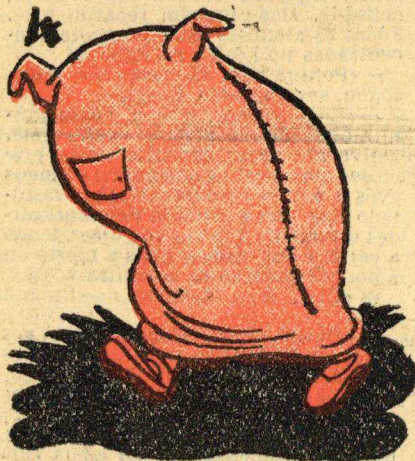
Sabendo que o Adrião  
Blasonava de valente,  
Quis o menino Romão  
Pregar-lhe um susto inocente.



E foi buscar à despensa  
Uma saca das de trigo,  
Que enfiou pela cabeça,  
Para assustar o amigo.



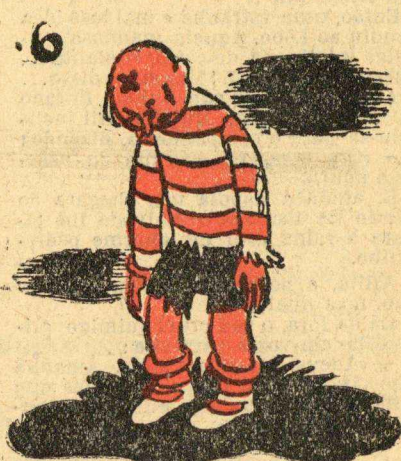
No seu quintal, o Adrião  
Correndo, aos saltos, brincava  
Com o Fiel, canzarrão  
Que com êle acompanhava.



Quando o Romão, bem contente,  
Dentro da saca metido,  
Aparece, de repente,  
Dando um grito desabrido,



Toma o caso por insulto  
O Fiel que, ao vê-lo, estaca  
E logo se atira ao vulto  
Ferrando os dentes na saca.



Por fim, tiraram, a custo,  
Do sacco a pobre criança,  
Que não ganhou para o susto  
E lhe ficou de lembrança.

não opôs resistência, e continuou a marcha interrompida. Como era muito alto, cada passo dêle valia por uns poucos de metros. Por isso, em algumas horas, alcançou a capital onde morava a Princesa. No centro da cidade erguia-se o magnífico palácio real. Todos os pretendentes se dirigiam para lá.

João Grande, a conselho do irmão, seguiu o mesmo caminho.

A multidão era tanta que os guardas do palácio, a custo continham o povo impaciente. Todos queriam saber quem seria o futuro rei.

A chegada dos dois irmãos, levantou algum borborinho. Os seus fatos grosseiros, de campônios, contrastavam com a opulência e riqueza dos outros pretendentes.

Todos olhavam, com admiração, aquele homem tão alto, que trazia às costas um minúsculo rapaz. Na verdade era tão alto que dominava mesmo aqueles que iam a cavalo.

Assim, não foi difícil a João Pequeno, avistar a princesa pelas janelas abertas.

Estava sentada num trono de ouro, e tão bela lhe pareceu que repetiu mais uma vez:

— «Eu é que hei-de casar com a princesa.»

Os pretendentes iam entrando pela porta principal, e saíam depois por uma outra que dava para os jardins. Eram

divididos em grupos de sete, e esperavam, na sala contígua à do trono, que chegasse a sua vez.

Um por um, iam-se apresentando diante da princesa. João Pequeno teve que esperar ainda bastante tempo para poder entrar. Quando partiu o grupo dêle, o irmão pô-lo no chão e êle encaminhou-se para a princesa a quem fez uma vénia. Depois, esperou que esta o interrogasse. Ela mirou-o com curiosidade, mas, apesar disso, fez-lhe a pergunta do mesmo modo que aos outros:

— «Que deve interessar mais um rei que se prepara para governar um povo?»

João Pequeno pensou alguns momentos, e respondeu resolutamente:

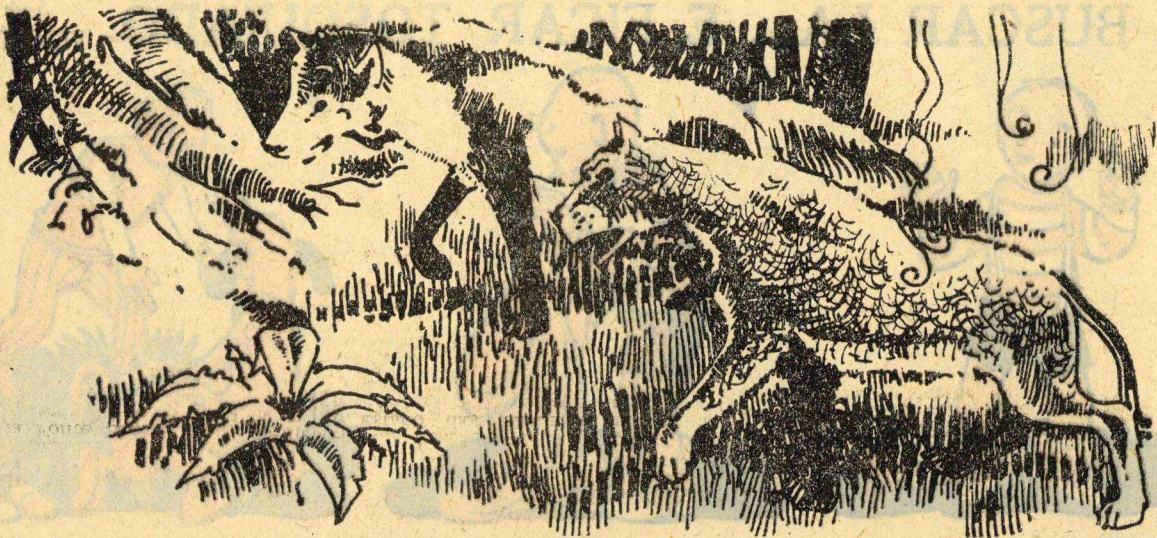
— «Procurar fazer justiça!»

Como dissemos, já muitos se haviam apresentado, mas nenhum se lembrara de dar esta resposta tão simples e justa. A sua vaidade e orgulho não lhes sugerira uma resposta tão fácil. Por isso, a princezinha ficou encantada e disse-lhe sorrindo:

— «Já que és tão esperto, responde-me agora ao que te vou perguntar:

— «O que é que me tem admirado mais, nêstes últimos tempos?»

(Continua na página 7)



**N Ã O F A Ç A S M A L — (Continuado da página 1)**

um precioso remédio que, decerto, curará o nosso Rei. Quere esperar-me um bocadinho ?

Então, uma estranha e maldosa ideia acudiu ao Lobo. Aquela manhosa e fidalga inimiga ia, de certo, suplantá-lo, curando o Leão. Ah ! Mas antes disso...

Apenas um segundo tinham durado estes pensamentos. Muito gentil inclinou-se para o companheiro, dizendo: — «Ora essa, vá, vá que eu espero-a aqui.»

E, ainda a Raposa não chegara ao fundo da toca, já o malvado lhe tapara a saída com um enorme pedregulho.

Aflita, a pobre bicha bem barafustou, mas qual !

Cá de fóra, o seu cruel inimigo gritou-lhe em voz escarminha:

— «Adeus, querida amiga. Amanhã lhe virei abrir a porta. Descance que ainda vai a horas para cumprir a sentença de morte...»

E partiu sem remorsos, como um malvado que era. Quando chegou à clareira que circundava o palácio, começara a reunião. Pouco a pouco, os bichos iam tomando os seus lugares. O tigre, com uma lista na mão, marcava as presenças.

- «Elefante !»
- «Presente !»
- «Coelho !»
- «Presente !»
- «Pirilampo !»
- «Pronto !»
- «Lobo !»

— «Aqui estou, meu Senhor !» Respondeu uma voz umtuosa.

— «Raposa !»

Ninguém respondeu.

O tigre, franzindo o sobrolho, repetiu com mais força:

— «Raposa !»

Silêncio absoluto. Os bichos entreolharam-se admirados.

Após uma terceira chamada, sem resultado, o Tigre declarou que, não comparecendo a Raposa até à hora de encerrar a sessão, seria presa no dia seguinte, ao romper da aurora e jul-

gada em processo sumário, ao qual se seguiria a execução.

El-rei tomou, então, a palavra:

— «Sabeis, meus fieis vassallos, como tenho andado fraco e doente. Nada me apetece, nem mesmo aquele saboríssimo coelho à caçadora que o meu cozinheiro tão bem prepara. Não como, não durmo, não descanso nem de dia nem de noite. Ora talvez que algum de vós, conheça qualquer remédio que possa curar-me. Dizei-o, seja ele qual for, que o seguirei à risca, por muito

Na sua bancada, o Lobo arreganhava a dentuça tremendo de raiva e de medo. Aquela idiota ia, de certo, acusá-lo. Mas ninguém reparou nele. Todas as atenções estavam agora concentradas no Leão e na Raposa.

— «Porque vens tão tarde ?» — interrogou, severamente, El-rei.

— «Real Senhor, que a Vossa infinita bondade me perdõe — gemeu ela. Estive até agora consultando os preciosos manuscritos que herdei de meus avós e venho comunicar-vos o resultado dos meus estudos. Se empregardes o remédio que vos vou dizer, tende a certeza que nunca mais a morte ou a doença poderão nada contra vós.»

— «Dize, dize, depressa.» — Bradou o Rei.

— «Hesito, Real Senhor. Para vos curar, seria preciso sacrificar um dos vossos súbditos... E eu não sei...»

Então o Rei urrou, fazendo tremer as árvores da floresta.

— «Onde está aí o vassallo maldito, que não seja capaz de dar a sua vida para salvar a do seu Rei ?»

Fez-se silêncio profundo. Cada um dos bichos pensava com os seus botões que tinha as horas contadas, quando a Raposa, com ar trágico e as lágrimas nos olhos, regougou:

— «Pois bem, Senhor: Vós sofreis de falta de calor. Vosso sangue está fraco e não vos aquece sufficientemente. Para vos curardes há só um meio. Mandai esfolar immediatamente um lobo e embrulhai-vos na sua pele. E' remédio santo !»

E, ainda o Lobo se não refizera da surpresa, já duas garras possantes o arrebataram para o interior do palácio, onde, em menos de cinco minutos, o seu pelo negro foi servir de capa ao Rei dos Animais.

Não diz a história se o Leão se curou. Mas em boa verdade vos digo que a este Lobo lhe saiu bem certo aquele provérbio que reza assim:

*Não faças mal à conta de te vtr bem.*



caro ou difícil de obter que seja. Espero os vossos alvitres. Tenho dito.»

Levantara-se o Elefante para falar, quando a Assembléa se agitou como um mar subitamente encapelado e, empurrando tudo e todos, um animal entrou por ali dentro esbaforido e veio cair aos pés do Rei.

— «A Raposa ! A Raposa !» Cochichava-se de todos os lado. Era, de facto, a Raposa que, após mil esforços, conseguira fugir ao cativoiro e à morte cruel que lhe estava reservada.

**CAPICUA DE 23 LETRAS**

Curiosa, pela sua extensão, reproduzimos a seguinte frase-capicua, fornecida por um nosso amável colaborador:

ATAI A GAIOLA SALOIA GAIATA

**ANEDDOTA**

- No caminho de ferro o revisor indaga:
- Que idade tem os seus meninos, minha senhora ?
- Seis anos. São gémeos.
- Onde nasceram ?
- Este em Lisboa e aquele no Pôrto.

**CORRESPONDÊNCIA**

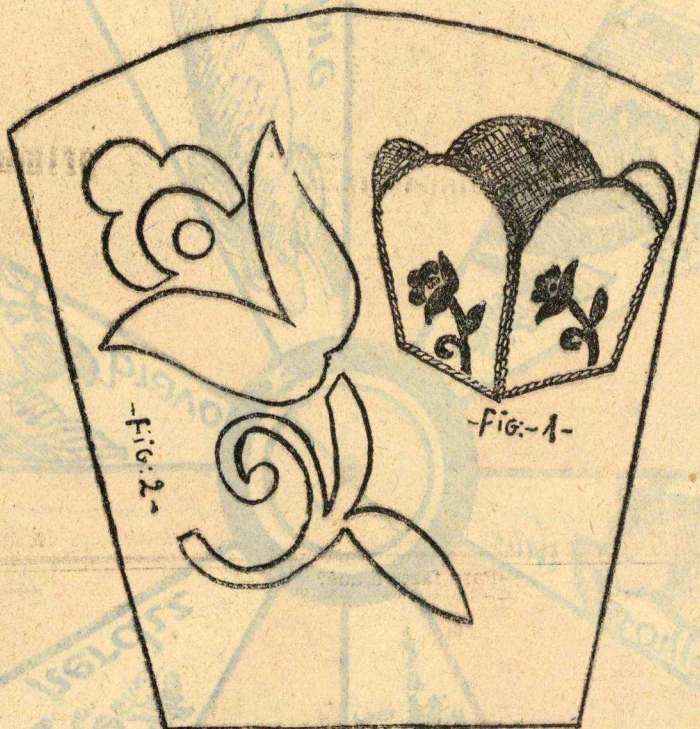
Milau: — O teu conto sairá no próximo número. Os conselhos que nos pedes, dar-tos-emos em carta. Para isso envia-nos a tua direcção.

# ARTE APLICADA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

Eis uma pintura em relevo, feita com cristais, cujo processo vos vou ensinar.

As tintas, para esta pintura, estão em bisnagas já preparadas. Espreme-se, para um cartuchinho, um pouco desta tinta; dão-se duas dobras para fechar e aperta-se este com o indicador e o polegar, para que a tinta saia pelo bico do cartucho, (cuja extremidade se cortou com uma tesoura) sobre o desenho. Enquanto a tinta está fresca, colocam-se os cristais que ficam presos na tinta e dão luminosidade. Em seguida, deitam-se sobre a tinta dois tons de cristais, pois há-os em tôdas as côres. O



desenho que hoje vos apresento, é fácil de se fazer. Este cesto de costura ou ainda um «cache-pot» podem ser feitos em seda ou veludo. Uma forma de cartão dará consistência ao trabalho.

A figura 2 é um modelo dos quatro lados do trabalho, que se deve fazer, primeiramente em cartão, forrando-o com a seda ou o veludo pintado a «Perlé». Contorna-se o trabalho, depois de pronto, com um cordão de seda que cobre os pontos do fôrro, ao veludo ou à seda.

O fundo da caixa é tapado e forrado, tendo também um cordão como indica o desenho n.º 1 para remate.

## A NOSSA CONSTRUÇÃO O JÔGO DA CAÇA

O jôgo que o «Pim-Pam-Pum» oferece hoje aos seus amiguinhos, é uma construção fácil de armar. Colem a página 8 em cartolina espessa e recortem, seguidamente, as figuras nela representadas.

Sobre qualquer suporte de madeira, espetem com um alfinete, perfurando o centro, a circunferência sobre a qual, na letra A, deverá ser colada a base da figura que representa o caçador. Imprimam um movimento giratório e, quando aquela parar, vejam se alguma das peças de caça coincide com a seta, que terá sido previamente colocada à margem da circunferência. Se não coincidir, o tiro terá falhado a pontaria.

Cada jogador actuará alternadamente e, ao fim de 10 ou 20 voltas, conforme tiver sido combinado, o jogador que tiver morto maior número de peças de caça, ganha o jôgo.

## O João Grande e o João Pequeno

(Continuado da pagina 5)

— «É que entre tantos homens ilustres, nenhum vos tinha respondido com acôrto.»

A princesa, achando muita graça ao que disse o João Pequeno, voltou-se para o rei e para a côrte, exclamando: — «Será este o meu marido e sucessor de meu pai.»

Houve um pequeno rebolico na côrte, porque muitos não concordavam com tal casamento.

A Princesa, porém, não quis saber de nada, e teimou em sacar com João Pequeno.

O nome do futuro rei foi afixado em grandes letras doradas por tôdas as terras do reino.

Passados alguns dias, realizou-se o casamento e fez-se a coroação do novo soberano.

A princesa, às vezes, desconsolava-se um pouco com a

pequenez do marido, mas ele era tão esperto e inteligente que depressa lhe fazia esquecer o seu tamanho.

João Grande, que tanto auxiliou o irmão, não foi esquecido. O novo rei, além de lhe dar uma magnífica pensão, mandou-lhe construir uma casa enorme, por onde elle pudesse andar à vontade.

E assim acaba a história do João Grande e do João Pequeno.

F

I

M

